



Por trás das fitas coloridas: as Festas de Agosto em Montes Claros/MG

Ana Letícia Chaves Santos 

Mestra em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).
Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário UniFipMoc.

Email: analeticiaarqeurb@gmail.com

Adna Tayane Rocha Gusmão 

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário FIPMoc. Pós-graduanda em
Arquitetura e Cidades no Centro de Ensino Superior Dom Alberto.

Email: adnagusmaoarquitetura@gmail.com

Priscila Dias Alkimim 

Mestra e Doutoranda em Desenvolvimento Social pela Universidade Estadual de Montes Claros
(UNIMONTES). Graduada em Direito pela UNIMONTES.

Email: prialkimim@gmail.com

Resumo

Este relato etnográfico, resultado de trabalho de campo realizado durante as Festas de Agosto de 2023 em Montes Claros (MG), explora os aspectos culturais e religiosos de festividades enraizadas na herança africana, europeia e indígena, que são manifestadas pelos grupos Catopês, Marujos e Caboclinhos, e são complementadas por um Festival Folclórico que inclui arte, música e gastronomia locais. O relato descreve, principalmente a partir de um grupo dissidente e não oficializado, o Segundo Terno de São Benedito, a interação dinâmica entre tradição e modernidade, com a transformação do espaço urbano em um palco vibrante de expressão cultural. As Festas de Agosto emergem, assim, como um microcosmo das lutas sociais, econômicas e políticas da cidade, refletindo a capacidade das tradições culturais de moldar e serem moldadas pelo ambiente urbano contemporâneo.

Palavras-chave: Congado; Festas de Agosto; Catopês; Festas religiosas; Cortejos.



Behind the Colorful Ribbons: the Festas de Agosto in Montes Claros/MG

Abstract

This ethnographic report, the result of fieldwork conducted during the 2023 August Festivities in Montes Claros (MG), explores the cultural and religious aspects of celebrations rooted in African, European, and Indigenous heritage, expressed by the Catopês, Marujos, and Caboclinhos groups, and complemented by a Folk Festival featuring local art, music, and cuisine. The report focuses primarily on a dissident and unofficial group, the Second Terno of São Benedito, highlighting the dynamic interaction between tradition and modernity, as the urban space is transformed into a vibrant stage for cultural expression. The August Festivities thus emerge as a microcosm of the city's social, economic, and political struggles, reflecting the capacity of cultural traditions to shape and be shaped by the contemporary urban environment.

Keywords: Congado; Festas de Agosto; Catopês; Religious festivals; Parades.

Agradecemos à FAPEMIG pelo apoio financeiro ao projeto que originou esta publicação.

Introdução

Em 2023, o Núcleo Interdisciplinar de Temáticas Urbanas (Citadino) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes/MG), no âmbito do projeto de pesquisa “Maneiras de fazer-cidade: sobre os desafios citadinos em Montes Claros/MG”, realizou um exercício etnográfico para explorar as facetas socioculturais, urbanas, econômicas e políticas das celebrações conhecidas como Festas de Agosto.

Este relato, fundamentado nas observações realizadas na manhã do dia 18 de agosto, procura oferecer uma visão aprofundada do evento, não apenas como uma celebração de herança cultural, mas como um microcosmo das lutas sociais e transformações na contemporaneidade brasileira.

Naquela manhã foi possível perceber, por causa das Festas de Agosto, mudanças físicas, estruturais e nas dinâmicas socioespaciais, apesar do caráter efêmero das festividades, realizadas na Praça da Matriz e no seu entorno. As ruas receberam diversas decorações com fitas coloridas e postes, espaço receberam novos “equipamentos urbanos”, como banheiros químicos, barracas, palcos, iluminação e feiras, o que provocou não só alterações na questão espacial, mas também na programação e circulação do ambiente, pois as vias se tornaram um espaço de disputa entre feirantes, consumidores, citadinos, carros e congado.

As calçadas, que no cotidiano normalmente são vistas como área de passagem, tomaram para si a função de ambiente de sociabilidade e comércio. Diante disso, foi perceptível o impacto que estas modificações e manifestações exercem sobre a região e sobre a dinâmica daqueles que utilizam o espaço, já que ocorre uma modificação dos domínios de uso público e privado, promovendo uma relação constante de trocas entre o sagrado e o profano, entre o valor de uso e o valor de troca, entre o religioso e o folclórico, entre a Festa e cidade. As celebrações constituem-se, dessa forma, como que um suporte ligado de forma intrínseca, ou seja, uma relação de simbiose construída por laços de memória, afetividade, política e economia que propõe novos usos, novas atividades e novas paisagens.

Memórias guardadas nas fitas no céu: a Praça da Matriz e os encontros no Museu

Por volta das 9 horas da manhã, tivemos a oportunidade de apreciar o evento “Trilhas da Leitura”, realizado em um palco estrategicamente posicionado no centro da Praça da Matriz. Este evento cativou uma audiência variada, composta por idosos, crianças, grupos escolares, comerciantes e moradores locais, todos atentos às atividades programadas. A performance central foi marcada pela atuação de diversos professores, que dramatizavam histórias da cultura norte mineira, em um esforço para compartilhar conhecimentos, tradições e fomentar um senso de identidade.

As estruturas urbanas da praça, como as grades ao redor dos jardins, ganharam novas funções durante o evento, pois parte do público utilizava esses “bloqueios” como assentos improvisados, enquanto as crianças desafiavam essas barreiras físicas, transformando o ambiente em um espaço de lazer. Assim, a Praça da Matriz que costumava ser local de passagem se converteu em um ambiente lúdico e educativo ao mesmo tempo.

Após o encerramento do “Trilhas da leitura” a atração principal passou a ser a exposição no Centro Cultural Hermes de Paula. Vários grupos de crianças e adolescentes com uniformes escolares saíam e entravam no edifício, atravessando a rua em meio aos carros, e iam para as sombras e bancos da praça. Alguns desses estudantes ultrapassavam os gradis da praça, acomodando-se na grama sob as árvores para saborear lanches, descansar e trocar conversas animadas, uma vez que as mesas e cadeiras utilizadas na noite anterior estavam empilhadas sob a sombra na calçada da praça, enquanto as barracas de comida e bebida permaneciam fechadas.

Seguindo o fluxo da maioria dos presentes, fomos ver a exposição do Centro Cultural. Esta tratava-se da “Expo Giramundo 50 anos”, sendo uma mostra de bonecos do Giramundo¹, produzidos desde 1971. Na entrada da edificação, havia um grande *banner* que apresentava a descrição e informações acerca da mostra junto ao nome do patrocinador e, no interior da exposição, um televisor exibia o documentário sobre o grupo Giramundo, capturando a atenção de várias pessoas que paravam para assistir a trechos do vídeo. Além disso, as figuras expostas eram notáveis, tanto pelo seu tamanho e vivacidade de cores, quanto pela representação de uma diversidade de personagens que abrangia desde a história egípcia até contos literários e mitos regionais.

Logo na entrada, conseguimos observar um senhor idoso que se aproximou do responsável pela exposição e comentou de forma nostálgica: “Tem tempo que eu não vinha aqui, mudou demais”. Após uma breve visita, ele retornou expressando sua admiração: “Muito bonito”. Da mesma forma, outros frequentadores da praça foram atraídos para dentro do Centro Cultural, seguindo o fluxo de visitantes. Entre eles, um homem de meia idade, acompanhado de sua filha pequena, tirava inúmeras fotos dela junto aos bonecos mais interessantes e peculiares. Curiosamente, em um dado momento, enquanto a filha entusiasmada e curiosa explorava a galeria, ele enviou um áudio a alguém: “Aqui não tem nada, é só de noite, mas vim com ela aqui para ela conhecer o Centro Cultural”, demonstrando como a arte e a cultura podem ser interpretadas de maneiras distintas.

Além disso, no local, foi evidente o reavivamento de amizades antigas, como a de um senhor e um funcionário do Centro que rememoravam sobre um parente comum, elo de sua amizade. Eles conversaram sobre as semelhanças entre o parente e o senhor, e a conversa culminou com um convite para trazer essa pessoa ao Centro Cultural. Assim, compreendemos que, embora a exposição atraísse as pessoas de modo razoavelmente independente da arte e da história da Mostra, o que se destacava nesse ambiente era a troca de memórias, saberes e o compartilhamento das próprias experiências relacionadas às festas e à cultura da cidade. Essas narrativas e relatos, repletos de casos e memórias pessoais, transformavam o local em um espaço de reencontro com o passado para aqueles que por ali passavam.

¹ São marionetes e figuras animadas criadas pelo Grupo Giramundo, companhia de teatro de bonecos fundada em 1970, em Belo Horizonte (MG), com o objetivo de articular artesanato, teatro e educação.



Figura 1: O colorido da leitura. Fotos: Adna Tayane Rocha Gusmão.

Pulsando cores ao ritmo das buzinas: o Segundo Terno de São Benedito

Por volta das 10h45, ouvimos o som do cortejo no outro lado da praça. Nós, e quase todos os outros visitantes, saímos do Centro Cultural em direção à praça para ver o cortejo passar. Era o Segundo Terno de São Benedito. O grupo de catopês, com cerca de 45 pessoas de várias idades, trajava camisa rosa, calça branca e chapéus com brilhos e penas de pavão. Alguns deles eram mais decorados e cheios de penas de que outros, o que deve decorrer do investimento financeiro que cada pessoa fez no seu traje e sua trajetória dentro do grupo.

A apresentação era um espetáculo para os sentidos, com a música e o ritmo marcantes. À frente do cortejo, dois estandartes rosa e dourado exibiam a imagem de São Benedito, acompanhada das inscrições “Viva São Benedito”, “Legado de Custodinha” e “Segundo Terno de São Benedito”, simbolizando a herança cultural e a devoção do grupo.

Alguns presentes olharam com certa desconfiança como se não conhecessem bem o que estava acontecendo. No entanto, em sua grande maioria, os que por ali estavam começaram a comentar sobre as festas e fizeram relatos entre si de suas vivências e memórias. Um exemplo marcante foi o de uma mulher a caminho do trabalho em uma loja próxima, que mencionou ser natural de Montes Claros, mas confessou nunca ter assistido ao cortejo antes. Ela expressou surpresa ao admitir que, apesar de trabalhar nas proximidades, nunca havia visitado o centro cultural ou o museu localizados na praça.

À medida que o cortejo avançava, notamos um aumento notável no número de pessoas na praça. Jovens, idosos, crianças e trabalhadores da região, além de transeuntes, eram atraídos pela curiosidade e se juntavam à multidão, seguindo o cortejo ao redor da praça. Essa participação espontânea evidenciava a atração e a importância do evento para a comunidade local.

Durante o percurso do cortejo, um incidente curioso ocorreu. Um ônibus urbano, seguindo sua rota habitual, entrou na rua da praça, causando certa estranheza, posto que normalmente, o trânsito naquela área é interdito durante o evento pela MCTrans². Após analisarmos a situação, concluímos que o ocorrido se deu porque o cortejo em questão não fazia parte dos desfiles oficiais e, portanto, não estava incluído na programação e assim não havia como ter esse planejamento por parte dos responsáveis.

A natureza não oficial do cortejo e sua ausência no planejamento de trânsito da cidade conferiram um caráter ainda mais intrigante à procissão. Percorrendo as ruas do centro de Montes Claros, o cortejo se entrelaçava com o tráfego intenso e o fluxo caótico de carros e pedestres, criando um contraste vivo entre a rotina urbana e a tradição cultural.

Em meio a todo o caos do centro, pessoas apressadas passavam pelo meio do grupo de catopês, ignorando por completo a apresentação. Já no ônibus de transporte urbano, passageiros curiosos tentavam olhar pela janela para ver o que estava acontecendo e os carros disputavam espaço com o cortejo. Desse modo, o Terno de Legado de Custodinha dependeu do bom senso dos pedestres, motoristas e motociclistas para sua apresentação – embora alguns cidadãos se encontrassem mais ansiosos e irritados que outros, no final todos esperaram e admiraram a passagem do grupo.

O Segundo Terno de São Benedito, que seguia em direção à Igreja do Rosário, fez seu trajeto pela Rua Simeão Ribeiro, mais conhecida como Quarteirão do Povo, na qual chamou a atenção dos funcionários e clientes que estavam nas lojas, que saíram e pararam nas portas para observar e participar do evento cultural mais importante e tradicional da cidade. A interação dos espectadores com a manifestação religiosa e cultural era palpável, manifestando-se em aplausos, filmagens, fotografias e discussões sobre a história e o significado do evento. Essa vivência coletiva oferecia um vislumbre do profundo sentimento de pertencimento, ancestralidade e admiração pelo cortejo. Assim, tornou-se evidente que o impacto do evento residia na própria experiência vivida – uma imersão na cultura, na história, na religiosidade e no resgate de saberes ancestrais – e não na sua formalidade ou oficialização.

A experiência imersiva do cortejo era tão envolvente que alterava comportamentos: uma criança, por exemplo, deixou seu jogo de lado para seguir atentamente o grupo junto com sua mãe, do Quarteirão do Povo até a Igreja do Rosário. Somente ao chegarem à igreja a criança retomou seu jogo, ilustrando o poder cativante do evento.

Os bancos do Quarteirão do Povo se transformaram em uma espécie de arquibancada espontânea para os espectadores. Com a passagem do cortejo, aqueles sentados nos bancos encontravam-se literalmente inseridos na procissão. E em um momento de reflexão, uma das mulheres sentadas ali expressou curiosidade sobre a programação do dia, indagando se o desfile em curso seria o único a acontecer.

Conforme o cortejo prosseguia, atraindo a atenção de curiosos e transeuntes, a Secretaria de Fiscalização Urbana apareceu, apreensiva, acompanhando o grupo. A chegada do Segundo Terno de São Benedito à Praça Dr. Carlos trouxe uma organização mais eficiente ao caos inicial. Um agente da MCTrans, que já estava fazendo o controle do trânsito no movimentado entorno da praça, avistou o grupo e passou a controlar o fluxo de veículos, priorizando a passagem do cortejo e a segurança dos espectadores.

² MCTrans é o órgão público responsável por administrar, fiscalizar e planejar o trânsito e o transporte urbano no município de Montes Claros.

O percurso continuou chamando atenção de trabalhadores e pedestres, diminuindo a velocidade/intensidade do trânsito de veículos de umas das regiões mais movimentadas da cidade. Foi possível presenciar um diálogo entre dois mototaxistas, em uma esquina, sobre o cortejo. Um deles disse “O Brasil, tá assim lascado, por falta de cultura, cultura dessa aí”.



Figura 2: Cortejo do Segundo Terno de São Benedito. Fotos: Adna Tayane Rocha Gusmão.

Por trás das fitas coloridas: uma disputa pelo direito à devoção e ancestralidade

O grupo seguiu rumo à Igreja do Rosário e, por volta das 11h15, estava a poucos metros do local. Sem a presença de agentes da MCTrans para controlar o tráfego, eles passaram a disputar novamente espaço com os veículos. Dois minutos depois, o grupo chegou ao seu destino. Um desfecho inesperado aguardava os curiosos que acompanhavam o cortejo: as portas da igreja estavam fechadas por dentro. Apesar disso, o grupo continuou sua apresentação do lado de fora, enquanto um homem ao microfone anunciava com entusiasmo: “Salve o Segundo Terno de São Benedito, legado de Dona Custodinha, salve as Festas de Agosto”, “(...) daqui a pouco a gente sai com todo o cortejo do Automóvel Clube, daqui meia hora”.

A igreja continuava com as portas fechadas até que, em um ato de protesto, uma das mulheres catopê se aproximou do homem com o microfone, tomou-o de suas mãos e expressou sua indignação: “Bom dia, eu só fico triste porque a igreja é do povo e fecharam a igreja para a gente, isso é um absurdo, a igreja é do povo!”. Enquanto ela falava, o homem, com um semblante sério, fez um sinal de “joinha” para alguém próximo à porta da igreja, embora não fosse claro para quem era o gesto ou seu significado.

Após a interrupção, o homem que era responsável pelo microfone retomou sua fala sobre as Festas de Agosto e o pequeno grupo de catopês intensificou seus batuques. Segundos depois, a zeladora da igreja, com uma expressão irritada, abriu a porta do templo. Ela gesticulou com a mão o sinal de “não”, mas acabou permitindo a entrada do cortejo. No interior da igreja o grupo seguiu fazendo seus

rituais, acompanhado de várias pessoas que também entraram com eles, entre curiosos e familiares, para participar das celebrações ao Santo Benedito.

Enquanto isso, dois membros foram para os fundos conversar com a zeladora, que parecia irritada. Após a conclusão do rito, o cortejo deixou a igreja e se dispersou. Nesse momento, aproveitamos para conversar com a zeladora e entender a situação do portão. Visivelmente irritada e vestindo uma blusa com a logomarca da Prefeitura de Montes Claros, que intuímos ser um uniforme, ela reclamou que “eles não respeitavam o santo”, mencionando que haviam dito que iriam apenas dar uma volta na praça e não entrar na igreja, e que os “grandões”, referência ao cortejo oficial da Associação dos Catopês, estavam chegando.

Após o término do rito, os catopês se dispersaram para lanchar. Nesse intervalo pudemos conversar com eles. Eles explicaram ser um Terno não oficial, relatando que a Associação dos Catopês de Montes Claros não havia aceitado a criação deste e, por isso, eles não tinham acesso ao financiamento liberado pelo município. Mencionaram ainda que a Associação os acusa de estarem desrespeitando os mestres. No entanto, argumentaram possuir uma herança matrilinear, da Dona Custodinha, que, segundo eles, precedia os próprios mestres.

A fim de entender melhor a situação, conversamos com dois catopês participantes do cortejo, que saíam de uma lanchonete próxima à igreja. Eles se mostraram dispostos a compartilhar detalhes sobre a formação do terno e os desentendimentos com a Associação dos Catopês. Foi interessante perceber o discurso de cada um. O jovem estudante universitário, que desfilava pela primeira vez, ressaltou a questão do resgate histórico do legado de Dona Custodinha, uma mulher negra que teria sido a fundadora do terno de São Benedito, bem como o fato da cultura não pertencer a um só grupo, evidenciando a narrativa de resistência do terno à estrutura hegemônica da Associação dos Catopês e reforçando a importância das redes sociais e dos influenciadores para difundir o novo grupo e sua mensagem de resgate histórico.

A mulher, catopê há dez anos, ofereceu uma perspectiva diferente. Com sua experiência, ela elucidou: “Por trás das fitas coloridas tem muita coisa”. Ela contou sobre sua passagem pelo terno do Mestre Zanza, do qual se desligou por perceber uma crescente vaidade que ofuscava o sagrado. Posteriormente, juntou-se ao Primeiro Terno de São Benedito, liderado por Mestre Wanderley e, neste ano, integrou o grupo dissidente que formou o Segundo Terno de São Benedito. Por fazer parte dos catopês há vários anos, seu discurso é muito mais voltado ao aspecto financeiro e político da Associação. Ela revelou que a gestão de uma verba de R\$350.000,00 concedida à Associação naquele ano foi um dos fatores de discórdia. Segundo ela, houve uma proposta para que o dinheiro fosse distribuído igualmente entre os ternos, considerando suas demandas e necessidades específicas. Essa sugestão causou desconforto na Associação e resultou na exclusão do grupo dissidente, o que ela interpretou como uma tentativa de eliminar “as cabeças pensantes” e evitar futuras divergências com os mestres.

Ela esclareceu que a situação com a porta da igreja foi um mal-entendido de comunicação e não uma retaliação ao grupo e que os responsáveis pela igreja pediram desculpas pelo incidente. Ela também mencionou que parte do grupo estava se dirigindo ao Automóvel Clube com o intuito de “marcar território”. Eles decidiram não participar do desfile devido a ameaças vindas de outro grupo. No entanto, optaram por marcar presença no local para acompanhar os eventos, preferindo não confrontar para preservar o espírito e o brilho do evento.

O grupo do cortejo secundário então dispersou-se da igreja e dirigiu-se à Praça Dr. João Alves para encontrar o grupo oficial que estava desfilando. Seguimos também para acompanhar a interação entre o grupo divergente e os ternos da Associação dos Catopês. Ao chegar, nos deparamos com diversos

grupos, incluindo Marujos, Catopês e Caboclinhos, e uma estrutura significativamente maior do que a do grupo secundário. O desfile oficial contava com a presença de soldados do Exército Brasileiro carregando imagens do cortejo, estudantes do Colégio Marista e da Banda da Polícia Militar. Além disso, as ruas estavam fechadas pelos agentes de trânsito, eliminando as disputas entre veículos e pedestres. As calçadas estavam lotadas de espectadores, e os cortejos eram constantemente fotografados por muitos fotógrafos, jornalistas e moradores locais que apreciavam o desfile. As roupas e chapéus dos catopês eram mais cheios e arrumados do que os do Segundo Terno de São Benedito e o número de participantes, muito maior.

Durante o cortejo imponente da Associação, quatro integrantes do Segundo Terno de São Benedito se destacavam, sentados tranquilamente na praça em frente ao Automóvel Clube, vestidos com seus trajes típicos e segurando latões de cerveja. Além deles, outros dois membros do mesmo terno, também trajados e bebendo cerveja, acompanhavam o desfile junto ao público na calçada. Durante o desfile, uma das catopês, a mesma que havia feito o protesto na porta da igreja, começou a vender pequenos chapéus de catopês para os espectadores. Ela continuou a acompanhar o cortejo até seu final na Igreja do Rosário, vendendo os chapéus e marcando presença de uma forma singular.



Figura 3: Desfile Oficial e a presença do 2º Terno. Fotos: Adna Tayane Rocha Gusmão.

Conclusão

Ao refletir sobre as Festas de Agosto de 2023 em Montes Claros, percebe-se a complexidade e riqueza destas celebrações não apenas como eventos culturais, mas como espelhos da dinâmica social e histórica da cidade. A transformação das ruas, normalmente focadas na rotina diária, em palcos de expressão cultural e religiosa, ilustra a capacidade única das festas de criar um espaço de comunhão e identidade.

Os Catopês, Marujos e Caboclinhos, com suas manifestações culturais ricas, não só honram suas heranças, mas também dialogam com o presente, desempenhando um papel vital na formação da

identidade coletiva e na resistência cultural. A singularidade do Segundo Terno de São Benedito, por exemplo, destaca como as tradições se adaptam e respondem a contextos sociais e políticos em mudança.

As Festas de Agosto são, portanto, mais do que uma série de eventos religiosos e culturais; elas são um microcosmo das lutas, transformações e resiliências de uma sociedade. As narrativas que compõem este relato proporcionam um olhar mais profundo sobre como esses eventos influenciam e são influenciados pelo contexto urbano, social, econômico e político de Montes Claros. Nesse contexto, marcado pela interação dinâmica entre o passado e o presente, entre o sagrado e o profano, individual e o coletivo, as Festas de Agosto desvelam como as tradições culturais continuam a moldar e ser moldadas pelo ambiente urbano e suas comunidades.